

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS

ANTONIO DINAILSON VIEIRA MENDES

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA INVESTIGAÇÃO DO SEU USO COMO
PRÁTICA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NO ENSINO MÉDIO**

PICOS
2015

ANTONIO DINAILSON VIEIRA MENDES

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA INVESTIGAÇÃO DO SEU USO COMO
PRÁTICA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras/Português.

Orientador: Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento

PICOS

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M538h Mendes, Antônio Dinailson Vieira.

Histórias em Quadrinhos: uma investigação do seu uso
como prática de leitura e produção de textos no ensino médio /
Antônio Dinailson Vieira Mendes. – 2014.

CD-ROM : 4 ¾ pol. (47 p.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Profa. Me. Juscelino Francisco do Nascimento

1. Gêneros Textuais. 2. História em Quadrinhos. 3. Leitura
e Produção de Textos. I. Título.

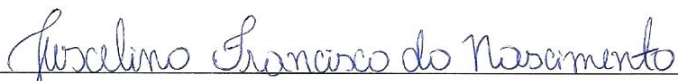
CDD 469.08

ANTONIO DINAILSON VIEIRA MENDES

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA INVESTIGAÇÃO DO SEU USO COMO
PRÁTICA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras/Português.

Aprovado em 15 de janeiro de 2015.




Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento (Presidente)

Universidade Federal do Piauí – UFPI



Profa. Me. Aucélia Vieira Ramos (Primeira Avaliadora)

Universidade Federal do Piauí – UFPI



Profa. Me. Fernanda Martins Luz (Segunda Avaliadora)

Universidade Federal do Piauí – UFPI

À minha mãe, Deuselina Vieira Mendes, pessoa admirável que mais me incentivou a ingressar na Universidade. Devo a concretização do meu sonho, primeiramente, a Deus e, em segundo, lugar a você, mãe.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter-me fortalecido em meio às dificuldades e barreiras que a vida oferece.

À minha família, pelo apoio e pelo incentivo, especialmente aos meus pais, Francisco Xavier de Sousa Mendes e Deuselina Vieira Mendes, que me incentivaram e me ajudaram desde o início do curso. Aos meus tios, José de Sousa Mendes, Marta de Sousa e Marcelo de Sousa Mendes. Aos meus irmãos, Dinailton Vieira Mendes e Dina Mara Vieira Mendes; à minha amiga Naiane de Sousa Dias, que sempre esteve presente ao meu lado, me apoiando nos momentos bons e ruins da minha jornada acadêmica.

De forma especial, ao Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento, meu orientador, pela competência, paciência, companheirismo, conhecimento e disposição em orientar-me, neste trabalho.

À professora Margareth, por ter concedido a realização do meu estágio em minha cidade e por ser umas das contribuintes para minha formação acadêmica, assim como os demais professores.

Aos meus companheiros de turma, Marcos Antônio, Maria Aparecida, Sebastião Soares e Lucas Rodrigues, que estiveram ao meu lado durante estes quatro anos de Universidade, nos quais vivemos muitas experiências juntos, sorrisos, decepções, motivações, enfim. Acredito que aprendemos muito juntos.

À minha amiga Leidiany Santos, que também não media esforços para me ajudar e esteve comigo desde o início, me dando dicas e incentivos.

À professora Socorro Caminha e à diretora da Escola Municipal Santa Catarina. Não poderia deixar de mencioná-las no meu trabalho, pois me trataram muito bem durante a realização dos meus estágios.

“Uma mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará a seu tamanho original”.

Albert Einstein

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo propor uma investigação a respeito do uso do gênero Histórias em Quadrinhos na prática de leitura e produção de textos no contexto escolar de uma escola da rede pública estadual de Ipiranga do Piauí, que atende apenas a alunos do ensino médio. Para o desenvolvimento da pesquisa, usamos, como referencial teórico, Barbosa (2004), Lanone e Lanone (1994), Luyten (2011), Tanino (2011) e Vergueiro (2010), as OCEM (2006), os PCNs (2000), entre outros autores. Para a metodologia desta pesquisa, usamos os pressupostos de Bortoni-Ricardo (2008), Deslauriers (1991), Fonseca (2002), Gerhardt e Silveira (2009), Gil (2010), Lakatos e Marconi (2006) e Triviños (1987). Os resultados da coleta de dados apontam que as histórias em quadrinhos são utilizadas em sala de aula, mas de maneira tradicional, pois, na maioria das vezes, são abordadas em atividades envolvendo unicamente a análise gramatical, deixando de lado a possibilidade de uso do referido gênero em atividades que envolvam, de fato, a prática da leitura e da produção de textos por parte dos alunos.

Palavras-chave: Gêneros; História em quadrinhos; Leitura e Produção de Textos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CONCEPÇÕES SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS	11
1.1 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO	15
1.2 O GÊNERO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	17
1.3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO CONTEXTO ESCOLAR.....	24
2 METODOLOGIA	27
2.1 CONTEXTO DA PESQUISA.....	27
2.2 ENTRADA NO CAMPO DE PESQUISA: A ESCOLA	28
2.3 INFORMANTES DA PESQUISA.....	31
3 ANÁLISE DOS DADOS	32
3.1 COLETA DE DADOS DO DOCENTE	32
3.2 COLETA DE DADOS DOS ALUNOS	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICES.....	45

INTRODUÇÃO

Atualmente, inclusive por conta da prática pedagógica e das metodologias empregadas pelos professores em sala de aula no ensino de Língua Portuguesa, muitos alunos não encontram motivação na leitura e na produção de textos.

De acordo com Geraldi (2006), o ensino de Língua Portuguesa deve ser abordado com base em três práticas: leitura de texto, produção de texto e análise Linguística, o que, na maioria das vezes, se restringe apenas em atividades envolvendo a leitura como pretexto para análise gramatical.

A esse respeito, Travaglia (2009) afirma que, nas aulas de português, a prática de leitura e produção de textos é quase ausente e, quando acontece, é voltada para uma simples metalinguagem, presa à gramática normativa, com busca de classificações, categorias, funções de elementos linguísticos, análises sintática e morfológica, o que é alvo de insatisfação e desânimo por parte dos alunos.

Diante desse problema, surgiu o interesse pelo estudo sobre os gêneros, tão exigidos no ensino, em especial as histórias em quadrinhos, por se tratar de um gênero bastante popular no quesito de leituras de crianças, jovens e adultos. Esse gênero, na maioria das vezes, possui temas do cotidiano e linguagem de fácil compreensão, possibilitada pela união de texto e imagem. Por meio dessas peculiaridades, percebemos a importância que esse gênero possui no processo de ensino-aprendizagem, pois se trata de um material riquíssimo a ser abordado e/ou utilizado em sala de aula, tanto em atividades que envolvem a leitura como nas atividades de interpretação e produção de textos.

Este trabalho partiu de questões com o intuito de analisar o conhecimento sobre as HQs dos participantes da pesquisa, a sua utilização em sala de aula, as opiniões sobre a leitura e a produção de textos e suas preferências na hora de ler e de se produzir textos em relação a outro gênero.

Para fundamentar este estudo, baseamo-nos em autores como Barbosa (2004), para quem as HQs são um recurso que motivam o estudo de outros conteúdos e possibilita o aumento da curiosidade e do senso crítico dos alunos; Lanone e Lanone (1994), que apresentam uma possível origem das HQs, afirmando que os elementos que a compõem podem contribuir para o desenvolvimento da imaginação e do raciocínio de crianças e jovens; Luyten (2011), que expõe o preconceito da leitura das HQs durante várias gerações; Tanino (2011)

que tratam dos elementos que as HQs possuem em sua composição e Vergueiro (2010), afirma que a leitura da HQs em sala de aula não são rejeitadas pelos alunos. Usamos, ainda, as OCEM (2006) e os PCNs (2000), que sugerem que os textos sejam trabalhados com base nos diversos gêneros, seja eles orais ou escritos. Para o desenvolvimento da metodologia desta pesquisa, usamos os pressupostos de Bortoni-Ricardo (2008), Deslauriers (1991), Fonseca (2002), Gerhardt e Silveira (2009), Gil (2010), Lakatos e Marconi (2006) e Triviños (1987).

Esta monografia possui, além da introdução e das considerações finais, 3 (três) capítulos. No primeiro capítulo, abordamos o embasamento teórico sobre algumas concepções dos gêneros textuais em si, relacionando-os com o ensino e apresentamos, ainda, as características, visões, usos e utilidades das histórias em quadrinhos no processo de ensino-aprendizagem. No segundo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados, o campo de pesquisa e os informantes envolvidos neste estudo. No terceiro capítulo, expomos a análise dos dados coletados a partir da aplicação de questionários à professora da turma escolhida para a pesquisa, bem como para os alunos do 1º ano do Ensino Médio, em Ipiranga do Piauí.

1 CONCEPÇÕES SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros textuais, segundo Marcuschi (2010), são eventos textuais que ajudam a ordenar nossas atividades comunicativas do dia a dia e que possuem, como características importantes, o fato de serem maleáveis, dinâmicos e plásticos, surgindo a partir das nossas necessidades, das atividades sociais e culturais. São, ainda, entidades sociodiscursivas e formas de ação social imprescindíveis em qualquer situação comunicativa.

É impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. [...] toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. (MARCUSCHI, 2008, p.154).

Por meio da citação acima, percebe-se a importância dos gêneros nas diversas situações comunicativas, sendo que a comunicação verbal é um fator inteiramente ligado aos mais variados gêneros existentes.

Apesar de os gêneros textuais possuírem, de certo modo, seu surgimento ligado às necessidades comunicativas, não se pode esquecer que as inovações tecnológicas também contribuíram para o surgimento de novos gêneros, não as tecnologias em si, mas “a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias”. (MARCUSCHI, 2010, p. 21).

Marcuschi (2008, p. 155) aborda o conceito de gênero voltado para o texto, dizendo que os gêneros materializam-se em forma de textos facilmente encontrados em nosso cotidiano

E que apresentam padrões sociocomunicativos característicos das composições funcionais, objetivos enunciativos e dos estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

De acordo com a noção apresentada, podemos entender que os padrões sociocomunicativos (função, objetivo enunciativo e estilo) que caracterizam um dado gênero estão intimamente relacionados com a integração de fatores contextuais (forças históricas, sociais, institucionais e técnicas), que de certo modo dão sentido à utilização desse gênero.

Segundo Bazerman (1997, apud BEZERRA, 2006, p. 55),

os gêneros não podem ser reduzidos apenas as simples estruturas formais, identificáveis pelos traços textuais peculiares. Embora não deixe de ter uma certa utilidade para a descrição e interpretação de textos [...], a mera identificação formal dos gêneros nos levaria a uma concepção enganosa e incompleta.

Com base nesta concepção, podemos entender que os gêneros não devem se restringir apenas aos aspectos formais, pois o propósito comunicativo e cognitivo dos gêneros também contribuem para sua definição em determinados enunciados.

De acordo com Bezerra (2006, p. 55), “os gêneros textuais não são conjuntos de traços formais, mas sim um lugar propício para a construção da realidade social”. Para o autor,

Gêneros são formas de vida, modos de ser. Eles são enquadres para a atividade social. São ambientes para a aprendizagem. São lugares em que o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as relações comunicativas pelas quais interagimos. Os gêneros são os lugares familiares a que recorremos para realizar atos comunicativos inteligíveis e as placas de sinalização que usamos para explorar um ambiente desconhecido. (BAZERMAN, 1997, p. 19 apud BEZERRA, 2006, p. 55).

Os gêneros, portanto, como consequência de nossas necessidades comunicativas e resultado de interações da comunicação humana, devem ser compreendidos e analisados a partir de sua inserção na vida social, ou seja, através da inserção dos gêneros textuais, percebe-se o verdadeiro potencial que os gêneros possuem nas atividades comunicativas, sejam elas faladas ou escritas. Atkinson (1999, p. 8 apud BEZERRA, 2006, p. 65) colabora com essa concepção, pois afirma que os “critérios formais jamais serão suficientes para distinguir os gêneros”. Além disso, estabelece como principais características dos gêneros: a orientação para um propósito ou objetivo e a sua natureza histórica, ou seja, “os gêneros desenvolvem e transformam-se de acordo com as transformações socioculturais correspondentes”. (BEZERRA, 2006, p. 55).

Para Marcuschi (2010, p. 22), “embora os gêneros textuais não se caracterizem e nem se definirem pelos seus aspectos formais, estruturais e linguísticos, não podemos desprezar a forma”, pois, em alguns gêneros, são os aspectos formais ou funcionais, ou os próprios suportes ou ambientes que determinam os gêneros. Para ilustrar e reforçar esse dado, Devitt (2004 apud ALEXANDRE, 2012, p. 19), afirma que, de certo modo, em determinados gêneros,

“leitores e ouvintes reconhecem marcas formais de um gênero particular e identificam o gênero de acordo com elas” (p. 19). A autora Devitt (2004 apud ALEXANDRE 2012, p. 19) toma como exemplo a frase “Era uma vez” nos contos de fadas, que parece ser uma marca que identifica o gênero ou que, pelo menos na maioria das vezes, remete a esse gênero. Isso pode ocorrer com outros gêneros como em “cartas comerciais, sonetos, contratos, relatório laboratorial, tragédia”.

Conforme Marcuschi (2008, p. 164), os gêneros textuais podem ser definidos ou nomeados através dos seguintes critérios básicos: quanto à “forma estrutural”, na qual se leva em conta a forma e como se apresentam determinados gêneros nos enunciados; ao “propósito comunicativo”, que se refere à proposta ou intenção de comunicação atribuída ao gênero; ao “conteúdo”, no qual se leva em conta o que está expresso no gênero; ao “meio de transmissão”, meio em que se apresentam os gêneros; aos “papeis dos interlocutores”, nos quais se verificam os papeis desempenhados por aquele que fala com o outro; e ao “contexto situacional”, em que se observa a situação empregada no enunciado. Em alguns gêneros, tais critérios apresentados podem e atuam em conjunto para sua designação ou distinção, de modo que “basta ver os nomes que encontramos para os mais variados gêneros para imediatamente constatar que na constituição do nome sempre atua mais de um critério” (MARCUSCHI, 2008, p. 164). No entanto, quando há conflitos entre tais designações, o propósito comunicativo ou função se sobressai entre os demais critérios.

De acordo com Bakhtin (1997, p. 280), os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” criados pelas mais variadas esferas de utilização da língua. Essa utilização se produz em forma de enunciados orais ou escritos, concretos e únicos, que “refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas” (p. 279), tanto por seu conteúdo, estilo verbal como por sua construção composicional. Sobre isto Siqueira (2008, p.20) afirma que

- O Conteúdo temático é entendido pelos conteúdos ideologicamente conformados que se tornam comunicáveis através dos gêneros.
- O Estilo é a configuração específica da unidade da linguagem, traços de posições enunciativas do locutor, ou seja, marcas linguísticas.
- A Construção composicional são os elementos de estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos dos gêneros.

Por meio da união desses três elementos, é composto um tipo característico de enunciado, seja ele oral ou escrito, dentro de um determinado espaço de comunicação, sendo por essa razão que “tipos estáveis de enunciados” caracterizam-se os gêneros do discurso.

Na visão de Bakhtin (1997), os gêneros do discurso são divididos em dois: o gênero do discurso primário (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo). Os primários, considerados como mais simples, “se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea (a réplica do diálogo cotidiano, a carta)” (BAKHTIN, 1997, p.281). Já os secundários, considerados mais complexos,

Aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica; desenvolveram-se a partir dos gêneros primários, os quais absorvem e transmutam, resultando em construtos como o romance, o drama, o discurso científico e o discurso ideológico (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Além disso, para Bakhtin (1997), a distinção entre os dois gêneros do discurso não deve ser desprezada porque

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. (BAKHTIN, 1997, p. 283).

Com relação a esse vínculo existente entre língua e a vida, Bakhtin (1997, p. 283) afirma que “só é possibilitado através dos enunciados, ou seja, é nos enunciados concretos que a língua penetra na vida, assim como também é através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”.

Por meio das peculiaridades que os enunciados possuem, percebe-se a amplitude e a diversidade dos gêneros, pois qualquer função, seja ela científica, técnica, ideológica, oficial ou cotidiana e determinadas condições específicas para cada esfera comunicativa verbal “geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico”, (BAKHTIN, 1997, p. 284.) Além disso, os gêneros mostram-se como um

dos fatores cruciais na comunicação verbal, principalmente na fala, pois, para Bakhtin (1997, 303):

Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim (...).

Conforme Bakhtin (1997, p. 303) apresenta na citação acima, percebe-se a importância do gênero discursivo sobre a fala, sendo que tal atribuição se deve ao fato de sermos sensíveis a todo discurso, ou seja, “se não existissem” ou “se não dominássemos” os gêneros do discurso, tendo que criá-los ou tendo que construir cada um dos enunciados que usamos em nossas necessidades comunicativas por meio do primeiro processo de fala, a comunicação, portanto, “seria quase impossível”.

1.1 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO

Os gêneros textuais estão diretamente ligados ao ensino, já que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem que os textos sejam trabalhados com base nos diversos gêneros, seja eles orais ou escritos. Com relação a essa visão dos PCNs acerca dos gêneros presente no ensino, Schneuwly & Dolz (2004, p. 97 apud SIQUEIRA, 2008, p. 24), afirmam que

Um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. [...] tem, precisamente, finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

Como se pode ver, o aluno, através da familiarização de um dado gênero, terá consciência de como e quando utilizar determinado gênero nas atividades comunicativas, sejam elas envolvendo a fala ou a escrita.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, as atividades de produção de textos devem ser introduzidas em sala de aula até porque elas, desde algum tempo, já estão integradas no currículo do Ensino Médio,

assim como a gramática e a literatura. Na visão desse Parâmetro, o aluno deve ser concebido como produtor de textos, “aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano”, (PCNEM, 2000, p. 18).

O trabalho com textos em sala de aula, seja ele abordando a leitura, interpretação ou a produção de textos, mostra-se de grande valia para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois “o texto é único como enunciado, mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuições de significados”. (PCNEM, 2000, p.19).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000, p. 5), um fator importante e bastante trabalhado com os alunos é a linguagem, seja ela verbal ou não verbal, pois “a linguagem permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento, e as formas de pensar, a comunicação, e os modos de comunicar, ação e os modos de agir”.

De acordo com a LDB (1996), o Ensino Médio é a etapa final da educação básica e tem, como uma das finalidades, “a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos”. Como no ensino fundamental os documentos parametrizam o processo de ensino-aprendizagem baseado no objetivo de levar o aluno a construir gradualmente os saberes sobre os textos que circulam socialmente, no Ensino Médio, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio afirma que o ensino-aprendizagem deve “propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta” (OCEN, 2006, p, 18), ou seja, implicando a ampliação de saberes referentes à configuração, ao funcionamento, à circulação dos textos e a reflexões sistemáticas sobre a língua e a linguagem.

A respeito do uso da linguagem, tanto na produção como na compreensão de textos, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p. 32), preveem que o aluno do Ensino Médio, ao longo de sua formação, deva:

- Conviver, de forma não só crítica mas também lúdica, com situações de produção e leitura de textos, atualizados em diferentes suportes e sistemas de linguagem – escrito, oral, imagético, digital, etc. [...];
- No contexto das práticas de aprendizagem de língua(gem), conviver com situações de produção escrita, oral e imagética, de leitura e de escuta, que lhe propiciem uma inserção em práticas de linguagem em que são colocados em funcionamento textos que exigem da parte do aluno conhecimentos distintos daqueles usados

em situações de interação informais, sejam elas face a face ou não. [...];

- Construir habilidades e conhecimentos que o capacitem a refletir sobre os usos da língua(gem) nos textos e sobre fatores que concorrem para sua variação e variabilidade, seja a linguística, seja a textual, seja a pragmática.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p. 24), “é por meio das atividades de compreensão e produção de textos que o sujeito desenvolve uma relação íntima com a leitura – escrita –, fala de si mesmo e do mundo que o rodeia, o que viabiliza nova significação para seus processos subjetivos”.

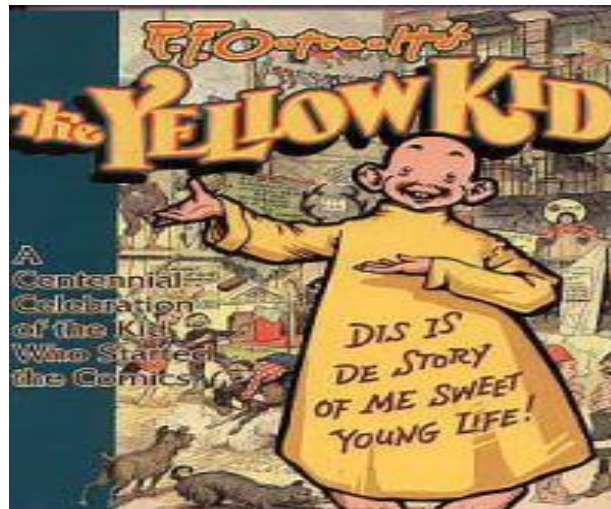
Desse modo, percebe-se que as Histórias em Quadrinhos, assim como qualquer gênero, pode-se mostrar como um riquíssimo instrumento nas atividades de leitura e produção de textos, atendendo às necessidades apresentadas que o nível médio prevê ao aluno no decorrer de sua formação.

1.2 O GÊNERO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Se levarmos em conta o conceito de Eisner (1999) de que as Histórias em Quadrinhos (HQs) “[são] uma arte sequencial”, podemos perceber que elas podem se fazer presente na humanidade desde o período pré-histórico, no qual os homens registravam, nas paredes das cavernas, por meio de sequências de imagens, desenhos e pinturas rupestres, as histórias ou fatos ocorridos naquela época. Assim, “devido ao poder que os desenhos (imagem gráfica) possuem na comunicação, associados ou não à linguagem verbal, esse recurso atravessou milênios, sendo utilizado por várias civilizações antigas”. (MENDONÇA, 2010, p. 210).

De acordo com Lanone e Lanone (1994), apesar de serem encontrados rudimentos das Histórias em Quadrinhos na pré-história, este gênero, tal como conhecemos hoje, surgiu na Europa, em meados do século XIX, com as histórias de Busch e Topffer. No final do mesmo século, foi criado o primeiro Herói dos quadrinhos, o Menino Amarelo (Yellow kid), com estilo inovador para a época por apresentar o texto expresso nos balões junto aos personagens e não mais no rodapé dos desenhos. Além disso, este personagem é considerado pelos americanos como o embrião das Histórias em Quadrinhos; desenhado por Richard Outcault e publicado no jornal New York World.

Figura 1: O Menino Amarelo (Yellow Kids)

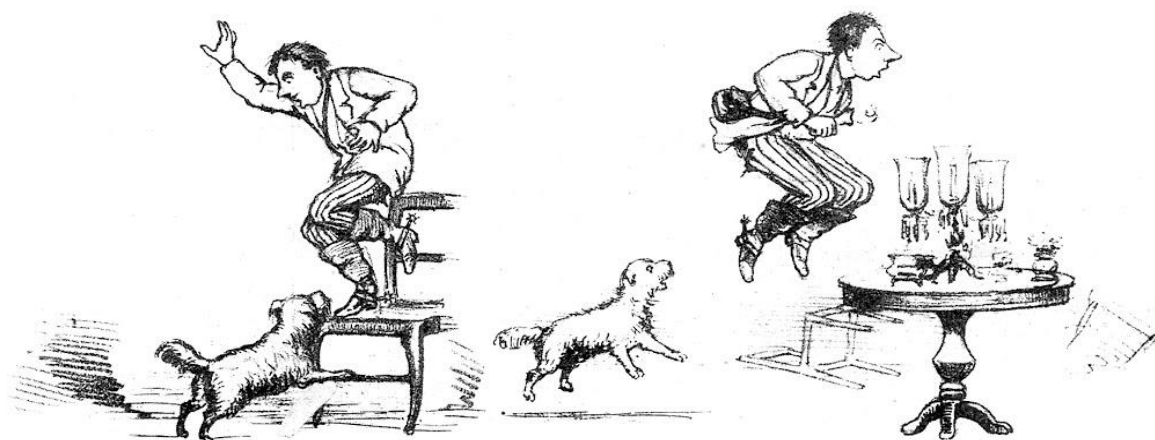


Fonte:

<http://2.bp.blogspot.com/jU0zKvIckPw/TZshdFq4TpI/AAAAAAAAA8Y/MgyPG6O0csI/s1600/kid+1995.jpg>

Segundo Carvalho (2006, p. 23 apud SIQUEIRA, 2008, p. 25-26), além do personagem o Menino Amarelo (Yellow kid), as HQs podem possuir outra hipótese de surgimento, que seria com o “italo-brasileiro, Angelo Agostini, em 1869, com As Aventuras de Nhô Quim (ou Impressões de uma viagem à Corte). Tratam de elementos de quadrinhos, com desenhos e textos em uma sequência de fatos”.

Figura 2: As Aventuras de Nhôn Quim (ou Impressões de uma viagem à Corte.



Procurou um refúgio, mas vendo que nem assim se livrava da sanha do diabo do totó,

pulou sobre a mesa, pondo tudo em estilhaços.

Fonte: <http://historiahoje.com/wp-content/uploads/2014/08/06-nhoquim-cao-1.jpg>

Para Mendonça (2010, p. 210), as Histórias em Quadrinhos (HQs) se desenvolveram na periodicidade dos jornais, onde obteve muito sucesso e a preferência de leitura de crianças, jovens e adultos, tanto por se tratar de temas voltados para a realidade social como pelo fato de ter uma linguagem acessível e humorística em determinados momentos da narrativa. Essa aceitação foi tão importante e decisiva, que os quadrinhos ganharam espaço para publicações a si mesmo dedicadas, como os gibis, com temáticas e estilos variados.

Na visão de Cirne (2000 apud SIQUEIRA, p. 23-24), as Histórias em Quadrinhos são “uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”. Em outro momento, o mesmo autor (CIRNE et al. 2002, p. 4) descreve os quadrinhos como “uma narrativa gráfico-visual, com particularidades próprias, a partir do agenciamento de, no mínimo, duas imagens desenhadas que se relacionam”. Entre as imagens, há o corte gráfico, que de acordo com Siqueira (2008, p. 28), “é o espaço-temporal a ser preenchido pelo imaginário do leitor”.

Figura 3: Exemplo de Histórias em Quadrinhos com sucessivos cortes gráficos



Fonte:

http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/aulas/10436/imagens/quadrinhos_vassoura.jpg

Figura 4: Exemplo de Histórias em Quadrinhos com apenas dois quadinhos



Fonte: [http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-11\(3\).gif](http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-11(3).gif)

O gênero Histórias em Quadrinhos é considerado por Mendonça (2003 apud SIQUEIRA, 2008, p.199,200), como um “gênero icônico ou icônico verbal”, na qual se organiza em uma sucessão de quadros que possuem como elementos típicos, os desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas inseridos no texto verbal, na qual transmitem para o leitor um acontecimento ou história. Para reforçar a ideia sobre as Histórias em Quadrinhos, Eguti (2001, p. 45 apud Tanino, 2011, p. 18) apresenta como principal objetivo das HQs:

[...] a narração de fatos procurando reproduzir uma conversação natural, na qual os personagens interagem face a face, expressando-se por palavras e expressões faciais e corporais. Todo o conjunto do quadrinho é responsável pela transmissão do contexto enunciativo ao leitor. Assim como na literatura, o contexto é obtido por meio de descrições detalhadas através da palavra escrita. Nas HQs, esse contexto é fruto da dicotomia verbal / não verbal, na qual tanto os desenhos quanto as palavras são necessárias ao entendimento da história[...].

De acordo com o objetivo das HQs apresentado, percebe-se algumas características do gênero e a importância de suas peculiaridades no contexto enunciativo, como a narração e a descrição de fatos, por meio de imagens com personagens face a face, palavras, expressões faciais e corporais. Desse modo, com a união e assimilação desses fatores verbais e não verbais expostos, conquista-se o entendimento das ideias ou fatos ocorridos nos quadrinhos.

Para Santos (2003 apud TANINO, 2011), as Histórias em Quadrinhos possuem alguns elementos característicos e importantes para a formação e

compreensão do gênero, como balão, requadro, onomatopeias, linhas cinéticas, metáfora visual e cores.

Conforme Tanino (2011, p. 15), “os balões são convenções gráficas onde são inseridos a fala ou pensamento do personagem”. Além disso, existem alguns tipos de balões que são classificados ou nomeados com base nas expressões nelas inseridas. Assim, os balões classificam-se em balão de fala, balão de pensamento, balão de grito, balão de cochicho, balão de amor e balão de ideia.

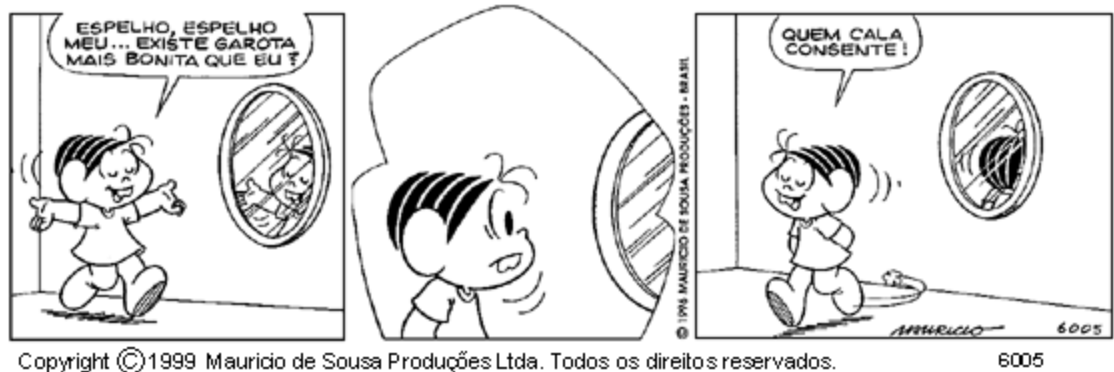
Figura 5: Exemplo de tipos de balões



Fonte: <http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/quadrinhos-txt.html>

Para Santos (2003 apud Tanino, 2011), o requadro é a moldura que se apresenta ao redor dos desenhos e dos textos de cada quadrinho ou vinheta. Como pertencente à linguagem não verbal ou visual dos quadrinhos, o requadro funciona como espaço onde se colocam objetos e se passam as ações.

Figura 6: Exemplo de requadro



Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira89.htm>

Segundo Tanino (2011, p. 16), as onomatopeias assemelham-se aos balões, pois ambas “dão vida às HQs de uma forma dinâmica”. O ruído ou expressão que traduz o efeito sonoro nos quadrinhos, ou seja, as onomatopeias, é também visual, porque, diante do papel em branco, os desenhistas estão sempre à procura de novas expressões gráficas para representar os efeitos sonoros desejados nos quadrinhos. Para a autora, os efeitos que uma onomatopeia proporciona ou poderá proporcionar, como um Bum, Puf, Crash ou demais outras expressões é sempre expressivo. Através do quadro abaixo, nota-se algumas das situações citadas:

Figura 7: Exemplo de onomatopeias presente nos quadrinhos



De acordo com Santos (2003 apud TANINO, 2011), as linhas cinéticas expressam os movimentos dos personagens e/ou trajetórias de objetos em plena ação, tais como automóveis e outros meios de locomoção, balas que saem de pistolas, pedras atiradas por alguém etc.

Figura 8: Exemplo de Linhas cinéticas



Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira224.htm>

Nas metáforas visuais presentes nas Histórias em Quadrinhos, são usados alguns recursos gráficos com o intuito de mostrar situações ou intensidade de tais acontecimentos presentes nas HQs, sendo que o principal recurso ou meio utilizado é a imagem. (TANINO, 2011).

Figura 9: Exemplo de metáfora visual



Fonte: <http://erida-souza.blogspot.com/2010/12/o-genero-textual-historia-em-quadrinho.html>

As cores também apresentam grande importância na linguagem dos quadrinhos, pois grande parte das informações são expressadas por meio delas. De acordo com Tanino (2011) dois casos comum e bem conhecidos em que as cores ganharam bastante representatividade são em “O Incrível Hulk e o lanterna verde”, que caracterizam-se principalmente pela cor verde. Além dos personagens citados pela autora, existem vários outros que através da cor ganham representatividade, como é o caso de O menino amarelo (Yellow Kids), ilustrado na figura 1, na qual a cor predominante é o amarelo.

Segundo Lanone e Lanone (1994), os elementos que compõem as Histórias em Quadrinhos (HQs) são capazes de estimular a imaginação e o raciocínio de crianças e jovens. Além disso, possuem, no que diz respeito à leitura, um caráter lúdico, pois as Histórias em Quadrinhos apresentam a junção entre texto e imagem que melhora a compreensão do texto narrado nos quadrinhos. Para reforçar essa ideia, Araújo, Costa e Costa (2008, p. 30 apud TANINO, 2011, p. 20) dizem que

[...] a mensagem das Histórias em Quadrinhos é transmitida ao leitor por dois processos: por meio da linguagem verbal – expressa a fala, o pensamento dos personagens, a voz do narrador e o som envolvido – e por meio da linguagem visual – no qual o leitor interpretará as imagens contidas nas histórias em quadrinhos. Unindo estes dois processos, chega-se ao escopo que o enunciado verbal pretende transmitir ao leitor.

Por meio da união dessas duas linguagens, verbal e visual, o leitor decodifica as imagens, mensagens e ideias apresentadas nas Histórias em Quadrinhos, favorecendo a ampliação e consolidação de vários conhecimentos, seja ele de mundo ou do próprio gênero.

1.3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO CONTEXTO ESCOLAR

Há algumas décadas, as Histórias em Quadrinhos (HQs) não eram aceitas nos ambientes escolares, devido às suas temáticas estarem voltadas para o entretenimento como meta principal e o humor como tom na maioria das HQs, mais nem por isso as crianças e jovens deixavam de ler esse gênero, pois, segundo Luyten (2011, p. 5), “gerações e gerações de crianças cresceram lendo histórias em quadrinhos furtivamente, escondidas dos pais e dos professores, que viam nesta arte um desperdício de tempo e um perigo às mentes dos jovens”, como prova disso, segundo Carvalho (2006) o Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP) em 1944 mostrou um estudo afirmando que a leitura das Histórias em Quadrinhos poderiam ocasionar a “lerteza mental”.

Segundo Siqueira (2008), diante de tais pressupostos acerca da leitura das Histórias em Quadrinhos, essa discussão foi parar no Congresso Nacional em 1949, para a avaliação sobre a questão do gênero HQs na educação de crianças e jovens. Essa questão foi superada ou tornou-se aceitável através da avaliação dos congressistas. Comissão esta que possuía como relator de análise dos quadrinhos o

sociólogo e escritor pernambucano, deputado federal Gilberto Freire, chegando à conclusão favorável aos quadrinhos como:

As HQs, em si, não são boas nem más, dependem do uso que se faz delas; As HQs ajudam na alfabetização; Por meio de seus enredos, elas ajudam o leitor a ajustar sua personalidade à época e ao mundo; As HQs preenchem a necessidade das histórias e aventuras na mente infantil; (CARVALHO, 2006, p. 34 apud SIQUEIRA 2008, p. 36).

Por meio da decisão da comissão e das peculiaridades que as Histórias em Quadrinhos possuem na comunicação verbal ou não verbal, a visão preconceituosa perdeu espaço, pois elas ganharam reconhecimento considerável tanto nas escolas como na preferência de leitura de muitas pessoas, devido às suas temáticas estarem voltadas para a realidade social. Esse fato é comprovado quando Vergueiro (2010, p. 21 apud TANINO, 2011, p. 23) explicita que

[...] há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano das crianças e jovens sua leitura é muito popular entre eles. A inclusão das HQs na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades em aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico.

De acordo com a citação acima, percebe-se que as Histórias em Quadrinhos são um gênero bastante popular no quesito de leituras de crianças e jovens. Devido a essa popularidade, não são rejeitadas em sala de aula. Sendo assim, pode-se deduzir que elas, a partir de suas peculiaridades e aceitação na leitura, tornam-se um material riquíssimo a ser abordado ou utilizado em sala de aula, tanto em atividades que envolvem a leitura como nas atividades de interpretação e produção de textos.

As Histórias em Quadrinhos, por serem consideradas um gênero que apresentam leituras na maioria das vezes, leves, divertidas, com personagens das mais variadas personalidades e folhas coloridas ou não, tornam-se um dos gêneros bem conhecido popularmente e utilizado no estímulo de leitura de crianças, embora não promovam interesse somente desse público, mas também de jovens e adultos, são elogiadas até mesmo pelos críticos.

Para Alves (2001 apud CATUNDA, 2013, p. 350),

A história em quadrinhos [...] é um meio de comunicação de massas, cujas histórias são narradas através de imagens desenhadas e texto inter-relacionados [...]. Além de informar e entreter, tem junto a outros meios de comunicação de massa um papel na formação da criança. A história em quadrinhos é transmissora de ideologia e, portanto, afeta a educação de seu público leitor.

Com base nisto, percebemos a importância das HQs na formação do aluno, pois a ampliação da familiaridade e vivência da leitura desse gênero em sala de aula, poderá proporcionar aos estudantes um bom rendimento escolar e um melhor desempenho nas atividades de leitura e produção textual.

As Histórias em Quadrinhos, quando bem trabalhadas em sala de aula, possuem resultados importantes para o aluno, pois, segundo Barbosa (2004, p. 21 apud CATUNDA, 2013, p. 351,352), elas “aumentam a motivação dos estudantes para os conteúdos das aulas, aguçando sua curiosidade e seu senso crítico”, estimulando a criatividade e a produção textual dos alunos.

2 METODOLOGIA

2.1 CONTEXTO DA PESQUISA

Para a realização deste trabalho, primeiramente foi feito o levantamento teórico acerca do tema em questão, pois, segundo Fonseca (2002, p. 32 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 37), ele é “feit[o] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. Seguimos, ainda, a proposta de Gil (2010, p. 29), para quem “praticamente toda pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica”.

De acordo com Gil (2010, p. 30), esta pesquisa possui o “propósito de fornecer fundamentação teórica ao trabalho atual, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema”. Seguimos o segundo passo deste estudo, ou seja, aplicamos e analisamos questionários em sala de aula, com seis alunos da turma e com a professora, com o objetivo de analisar ou investigar e descrever o uso das Histórias em Quadrinhos na leitura e produção de textos em sala de aula dos alunos do 1º Ano do Ensino Médio da Unidade Escolar Dom Joaquim Rufino do Rêgo, em Ipiranga do Piauí.

Este estudo trata-se de uma pesquisa de campo que, conforme Fonseca (2002 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 37), “caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas [...]”. É, ainda, do tipo descritiva, a qual “pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35) e de cunho qualitativo, pois não levará em conta apenas a quantidade de indivíduos envolvidos na pesquisa.

Com relação à análise qualitativa, Lakatos e Marconi (2006) afirmam que ela se preocupa em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano, fornecendo uma análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento.

Consoante Gerhardt e Silveira (2009, p. 32),

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Para Deslauriers (1991, p. 58 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009), na pesquisa qualitativa, o pesquisador age como sujeito e como objeto de suas pesquisas, as quais têm o desenvolvimento, pois o conhecimento do pesquisador é parcial e limitado e, além disso, o seu objetivo, com a pesquisa, é buscar e produzir informações, que podem ser aprofundadas e ilustrativas, pequenas ou grandes, já que o mais importante é a capacidade de produzir novas informações a partir do estudo.

No que diz respeito à coleta de dados, os resultados foram obtidos através da entrevista padronizada ou estruturada, a qual Lakatos e Marconi (2006) afirmam que é aquela em que se segue um roteiro já elaborado previamente, sendo predeterminadas as perguntas feitas ao indivíduo.

Para realização desta pesquisa, foram efetivados os seguintes procedimentos metodológicos: para adentrar ao campo de pesquisa, foram utilizados contatos informais com os profissionais que atuam na referida escola em estudo (diretora, coordenadora, secretária, professora e alunos); observação e descrição da estrutura e da organização da escola; entrevistas com alunos e com a professora da turma escolhida para este estudo.

2.2 ENTRADA NO CAMPO DE PESQUISA: A ESCOLA

O primeiro e importante passo para a realização deste estudo foi obtido pelo acesso ao campo de pesquisa: a escola. Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 57), “todo trabalho de campo para a coleta de registros que vão constituir nos dados da pesquisa tem que começar com negociações que permitirão a entrada do pesquisador no campo”. O procedimento de aceitação e autorização de entrada na escola se fez, primeiramente, através de uma solicitação de acesso e permanência à diretora. Logo em seguida, fui à procura da professora regente da disciplina de Língua Portuguesa do 1º Ano. Assim que foram apresentados os fins da pesquisa e

explicado que os dados coletados teriam caráter sigiloso, a docente aceitou a proposta.

Durante a solicitação e autorização de acesso, foram esclarecidos que os fins da pesquisa não eram de criticar ou avaliar a metodologia abordada pela professora ou expor negativamente seu trabalho, mas verificar e analisar o uso das histórias em quadrinhos na leitura e na produção de textos no contexto escolar. Já conscientes dessa provável rejeição, nos ancoramos em Bortoni-Ricardo (2008, p. 57), para quem “geralmente os professores da escola ficam receosos de que o desvelamento de seu trabalho possa acarretar críticas ou outras consequências negativas”.

Outra ação acerca do campo de pesquisa foi o contato com os alunos entrevistados. A escolha da Unidade Escolar Dom Joaquim Rufino do Rêgo como campo de pesquisa deste trabalho se deu pelo fato de ser a única escola pública da cidade que atende o nível médio no turno matutino e por ser a instituição em que realizei o estágio de observação e regência. Já a escolha da turma do 1º Ano do Ensino Médio se deu devido ao fato ser a série em que os alunos ingressam em um outro nível de ensino, retomando os conteúdos e ampliando os conhecimentos adquiridos nas séries anteriores.

A observação e a coleta de dados deste estudo foram realizadas na Unidade Escolar Dom Joaquim Rufino do Rêgo, localizada no centro de Ipiranga do Piauí, nos meses de outubro e novembro de 2014.

Segundo os documentos disponíveis na escola e disponibilizados para consulta durante este trabalho, a instituição, que oferece apenas o ensino médio, foi criada pela Portaria GSE/ADM – 052/97, na administração do então governador Francisco de Assis Moraes Sousa, durante a administração municipal de Francisco Mário Mendes e supervisão municipal de ensino de João Olímpio Fernandes. A escola fica situada na Rua Vicente Cortez, nº 276, sendo jurisdicionada à 9ª Gerência Regional de Educação (GRE), com sede no município de Picos – PI.

A instalação oficial aconteceu em 15 de dezembro de 1997, iniciando suas atividades com a aula inaugural no dia 02 de março de 1998. Na época, houve a necessidade de completar o quadro docente com professores do município de Dom Expedito Lopes. Por dois anos, funcionou apenas no turno da noite, mas, a partir do ano 2000, com o aumento da procura de vagas, funciona, até hoje, em dois turnos: manhã (das 7h10min às 11h50min) e noite (das 18h40 às 22h10min), oferecendo turmas do 1º ao 3º Ano.

A instituição funcionou, inicialmente, atendendo às reivindicações da comunidade escolar, em um prédio alugado da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) e somente no ano 2000, por intermédio do então vice-governador, Osmar Junior, e da luta de um grupo de estudantes membros da União Municipal Estudantil (UMES), bem como a direção, professores, representantes da comunidade e o empenho do prefeito da época, Francisco Mário Mendes, o estado efetuou a compra do local e, assim, a escola ganhou sede própria.

O nome da escola Dom Joaquim Rufino do Rêgo foi uma homenagem do Secretário Estadual de Educação, professor Ubiraci de Carvalho Mendes, ao bispo Dom Rufino, que foi pároco em Picos, no que a comunidade consultada concordou.

Atualmente, a escola possui uma área de 977,75 m² construída, contando com os seguintes espaços físicos: 07 salas de aula, 01 sala de vídeo, 01 biblioteca, 01 laboratório de informática, 01 sala dos professores, 01 almoxarifado, 01 cantina, 01 diretoria, 01 secretaria, 01 pátio coberto, 02 banheiros para os alunos e 02 banheiros para os professores. No ano letivo de 2014, a escola contou com 22 professores, dentre eles 12 efetivos e 10 seletivos; 04 vigias efetivos; 02 merendeiras, 01 efetiva e outra contratada; 02 auxiliares de serviços gerais efetivos; 02 auxiliares administrativas contratadas; 01 secretária contratada; 01 coordenadora efetiva e 01 diretora efetiva.

O número de funcionários é suficiente para atender à demanda da escola. As atribuições dos funcionários são pedagógicas e administrativas, todas de acordo com o regimento interno e com o Projeto Político Pedagógico (PPP), que rege o funcionamento da escola, criado com a participação de toda a comunidade escolar. De acordo com a coordenadora, a escola possui em torno de 456 alunos, sendo que seu objetivo destina-se à formação de adolescentes, jovens e adultos, visando ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho, preparo para o exercício da cidadania e prática social.

Todos os alunos e a comunidade local participam da gestão escolar, manifestando suas opiniões, interesses e necessidades. A relação da escola com a comunidade é bastante satisfatória, já que a escola sempre está em contato com a família dos alunos, informando o seu desempenho escolar.

Além do PPP, os professores têm autonomia para trabalhar com outros projetos que favoreçam cada vez mais o melhor desempenho dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

A unidade de ensino encontra-se em boas condições de conservação, pois todo ano, nas férias escolares, são feitas algumas reformas e as paredes são pintadas, as mesas e cadeiras dos alunos e professores são todas novas, o quadro de acrílico está em bom estado, as salas são todas forradas em gesso possuindo uma central de ar em cada uma delas, a merenda é de boa qualidade e o ambiente é limpo e arejado.

A sistemática de avaliação da escola acontece mensalmente de forma quantitativa e qualitativa, sendo que o quantitativo se extrai de provas escritas ou objetivas, aplicadas mensalmente; e o qualitativo é extraído dos aspectos qualitativos do aluno diante de sua aprendizagem.

Do alunado que frequenta a escola, boa parte é da zona urbana, mas a maioria mora em comunidades rurais distantes da cidade, como em Cocos, Furta-lhe a volta, Brejo da Fortaleza, Areal, Jardim e Serra. Por meio do transporte escolar, conseguem o acesso à escola.

2.3 INFORMANTES DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi feita uma entrevista com a professora de Língua Portuguesa da turma apresentada anteriormente acerca do tema em estudo. Devido à turma possuir um total de 44 alunos e por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo e não quantitativo, foram entrevistados apenas 6 alunos, escolhidos aleatoriamente, pois uma grande amostragem resulta em um intenso trabalho na descrição detalhada de cada um dos dados obtidos. Diante disso, os instrumentos utilizados na coleta dos dados foram: um questionário com oito perguntas abertas para a professora e oito para os alunos, os quais podiam expor suas opiniões sobre o tema referente à pergunta; conversa informal com o docente e com os discentes da turma.

Os entrevistados, seja a professora ou os alunos, terão suas identidades preservadas, pois, segundo Lakatos e Marconi (2006, p. 278), o entrevistador, antes mesmo da entrevista, por questões de ética na pesquisa, deve estabelecer um compromisso de anonimato com os participantes. As perguntas são individuais, sem ajuda e/ou interferência do pesquisador ou dos demais entrevistados. Após a coleta dos dados, vem a análise dos dados, que serão apresentados no capítulo seguinte deste trabalho.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo se destina à descrição e discussão dos resultados obtidos através de um questionário aplicado à professora e aos alunos citados anteriormente, bem como por meio de uma entrevista com eles, nas quais verificaremos a frequência do uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, como também a utilidade das HQs por parte dos participantes da pesquisa no quesito leitura e produção de textos.

Para a realização desta pesquisa, contamos com subsídios bibliográficos que trabalham com a questão do gênero história em quadrinhos em sala de aula, não como objeto de leitura perigosa para as mentes de seus leitores, mas como uma ferramenta de ensino criativa que contribui significativamente para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Entre os autores que colaboraram para realização da nossa pesquisa, estão Barbosa (2004), Lanone e Lanone (1994), Luyten (2011), Tanino (2011) e Vergueiro (2010), além das OCEM (2006) e dos PCNs (2000).

Com relação ao uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, observamos que, quando eram utilizadas, envolviam apenas atividades de leitura, interpretação e análise gramatical. Não foi presenciado ou constatado nenhuma produção de textos envolvendo esse gênero durante a observação em sala de aula.

Este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, apresentamos as perguntas e respostas feitas à docente, como também uma análise delas. Na segunda parte, apresentamos as perguntas e respostas feitas aos alunos, além da análise das informações fornecidas por eles.

3.1 COLETA DE DADOS DO DOCENTE

Para a análise dos dados do educador, foram feitas oito perguntas que objetivaram respostas pertinentes sobre a definição do gênero, uso e avaliação da leitura e produção de textos, envolvendo as histórias em quadrinhos em sala de aula.

Na primeira questão, perguntamos o que é uma história em quadrinhos. A resposta foi a seguinte: *“as histórias em quadrinhos é um gênero textual que utiliza situações do cotidiano, com uma linguagem simples, geralmente vem com humor e é um gênero que muita gente gosta de ler como também de trabalhar a produção”*.

A informante define as histórias em quadrinhos através de algumas características marcantes do gênero, como as temáticas abordadas, o estilo humorístico, a preferência de leitura e produção de textos que, segundo Mendonça (2010), trata-as como principais responsáveis pela obtenção de sucesso, tanto na preferência de leitura de crianças, jovens e adultos.

Na segunda questão, foi questionado se a professora utiliza histórias em quadrinhos nas aulas de Língua Portuguesa. Para este questionamento, obtivemos a seguinte resposta: *“utilizo muitas histórias em quadrinhos em minhas aulas, principalmente porque desperta a curiosidade dos alunos com a questão do humor; dá pra trabalhar as variações linguísticas e a língua portuguesa em si”*.

Com base nessa resposta, percebemos que há uma concordância entre a resposta dada pela educadora e a de todos os educandos, que veremos posteriormente. Através da resposta em questão, podemos ver que as visões preconceituosas acerca das histórias em quadrinhos no processo de ensino-aprendizagem estão sendo superadas e que o uso delas no ambiente escolar é condizente com a teoria de Barbosa (2004), segundo a qual as HQs objetivam aguçar a curiosidade dos alunos, seja na leitura ou na produção de textos dos alunos. No final da referida questão, a docente apresenta algumas formas de se abordar as histórias em quadrinhos, como nas variações linguísticas e na Língua Portuguesa em si, as formas de abordagens citadas foram as mais utilizadas nas aulas, pois, durante as observações, não foram constatadas nenhuma produção acerca do gênero história em quadrinhos, apenas as tradicionais redações.

Na terceira questão, perguntamos como a professora costuma trabalhar as histórias em quadrinhos em sala de aula. Deparamo-nos com a seguinte resposta: *“eu costumo trabalhar as histórias em quadrinhos primeiramente explorando a leitura, identificando em que parte dos quadrinhos está o humor, depois utilizo elas para explorar a gramática e também sugiro produções envolvendo esse gênero”*.

Constatamos que a participante sugere a leitura das HQs com vistas a identificar o humor nesse gênero, mas a preocupação maior continua sendo o ensino da gramática normativa, já que não foi constatada a produção de textos envolvendo esse gênero.

Na quarta questão, questionamos a respeito de como a docente avalia a leitura das histórias em quadrinhos. A resposta foi a seguinte: *“avalio como uma leitura positiva, pois os alunos gostam e as compreendem facilmente”*.

Embora a professora reconheça que a leitura de HQs é positiva e que os alunos gostam e, quando leem, compreendem com facilidade (IANONNE; IANONNE, 1994), ela não faz uso desse gênero na produção de textos, como citamos anteriormente, vendo as HQs apenas como uma forma de se estudar a gramática.

Na quinta questão, foi questionado a respeito de como a professora avalia a produção de textos envolvendo as histórias em quadrinhos. A resposta dela foi a seguinte: *“mas não trabalho com tanta frequência como a leitura; mas quando eu peço para os alunos produzirem eles se saem bem”*.

Através da resposta da docente, podemos perceber uma contradição, pois se ela não trabalha um determinado gênero em sala de aula com frequência, possivelmente os alunos não se sairão bem nas produções de textos. Inicialmente, ela afirma que não trabalha as HQs com frequência e, em seguida, que os alunos, quando solicitados a escrever (o que não aconteceu), têm um bom desempenho.

Na sexta questão, perguntamos em que aspectos as histórias em quadrinhos podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Diante desse questionamento, ela responde da seguinte forma: *“principalmente na questão do gosto, porque se o aluno gosta da leitura, ele consegue entender o próprio funcionamento da Língua Portuguesa que é o maior objetivo do professor da área. Então eu acredito que um dos aspectos mais relevantes é a questão da facilidade de compreensão”*.

Por meio da resposta acima, a professora expressa seu ponto de vista acerca das possíveis contribuições das HQs no processo de ensino-aprendizagem, afirmando que um dos aspectos relevantes é a facilidade de compreensão que, segundo ela, é uma ferramenta para se conseguir entender o funcionamento da Língua Portuguesa.

Na sétima questão, perguntamos qual a sua escolha de leitura: obra literária ou história em quadrinhos e o porquê da escolha. Para essa pergunta, obtivemos a seguinte resposta: *“não descarto nenhum dos dois, pois cada um tem sua devida importância na aprendizagem dos alunos”*.

Pelo que se pode observar, a professora reconhece a importância da leitura de ambos os gêneros, mas não aprofunda seu argumento em defesa do uso de nenhum deles em sala de aula.

Na oitava e última questão, perguntamos qual seria a escolha da professora no quesito produção de textos dos alunos: histórias em quadrinhos ou redação e seus possíveis motivos da tal escolha. A professora respondeu da seguinte maneira: *“escolho a produção do texto dissertativo, porque é muito cobrado nos vestibulares”*.

Mais uma vez, a professora entrevistada mostra, por meio de sua resposta, que sua preocupação maior, no ensino de Língua Portuguesa, recai sobre a produção de texto dissertativo, ou seja, ela se refere à redação cobrada no ENEM e em outras formas de seleção de candidatos para ingresso no ensino superior, como alguns vestibulares.

Na seção a seguir, fazemos a análise das respostas obtidas dos alunos da turma em que fizemos a pesquisa de campo.

3.2 COLETA DE DADOS DOS ALUNOS

Para a coleta e análise dos dados com os alunos, foram feitas também oito perguntas com intuito de se verificar o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, a maneira como eles avaliam a leitura e a produção de textos envolvendo esse gênero e qual a escolha da professora na hora de solicitar uma leitura ou uma produção de textos. Essas questões levaram os alunos a exprimir suas preferências na hora de ler e produzir textos e a refletir sobre as metodologias utilizadas pela professora acerca do gênero em estudo. As respostas dadas por eles foram breves e claras, portanto, abordaremos cada uma delas em tabelas. As respostas dos alunos serão representados da seguinte forma: Aluno 1 (A1), Aluno 2 (A2), Aluno 3 (A3), Aluno 4 (A4), Aluno 5 (A5) e Aluno 6 (A6), de modo que a identidade deles seja preservada.

Para a primeira pergunta “Para você, o que é uma história em quadrinhos?”, colhemos as respostas apresentadas a seguir.

Tabela 1 – Resposta da questão 1

A1	É uma história narrada dentro de quadrinhos, com a presença de balões e personagens desenhados.
A2	É uma história contada através de ilustrações e balões.
A3	São aquelas historias com os textos dentro de balões, expressando os pensamentos.

A4	Uma história com quadrinhos, balões e desenhos.
A5	É uma história contada de forma engraçada com a ajuda das ilustrações.
A6	É uma história narrada dentro de balões de forma bem criativa e engraçada.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2014).

Pelo que podemos constatar, os alunos apresentam conceitos um pouco diferentes, mas unânimes quanto à estrutura composicional do gênero HQ. Os alunos citam as principais características do gênero, como a presença de balões, quadrinhos e ilustrações, com a presença de um elemento de humor.

Na segunda questão, “Nas aulas de língua portuguesa, a professora utiliza histórias em quadrinhos?”, os alunos deram as seguintes respostas.

Tabela 2 – Respostas da questão 2

A1	Sim.
A2	Sim.
A3	Utiliza.
A4	Utiliza.
A5	Sim, é utilizado.
A6	Sim.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2014).

Observando a tabela acima, vemos que os seis alunos que responderam o questionário deram uma resposta positiva quanto ao uso das HQs, embora não argumentem a resposta dada, a qual apresenta apenas a afirmação.

Como as respostas da questão 2 foram positivas, eles deveriam, na questão seguinte, explicar como a professora costuma trabalhar as histórias em quadrinhos em sala de aula. Assim, obtivemos as respostas a seguir.

Tabela 3 – Respostas da questão 3

A1	A professora mandava ler e dizer o que as histórias em quadrinhos abordava.
A2	Ela manda agente ler, interpretar e dizer o que entediamos sobre as histórias em quadrinhos.
A3	Em exercícios para classificar as palavras destacadas nos quadrinhos.

A4	Mandava nós desenhar as vezes e inventar uma história.
A5	De maneira dinâmica, ela gosta de fazer comparações entre os textos e quando a gente não compreendia alguma coisa ela colocava uma história em quadrinhos para ficar mais fácil.
A6	Debatendo sobre os pontos de vista dos alunos.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2014).

Na questão 3, as respostas foram mais diversificadas. Segundo A1 e A2, a professora mandava ler e interpretar a HQ. Para A3, ela trabalhava com exercícios de gramática, como classificar palavras presentes nos quadrinhos. A4 afirma que a docente solicitava que eles desenhasssem ou inventassem (produzissem) uma história. A5 diz que a professora era dinâmica e costumava fazer comparações entre os textos, além de usar as HQs para facilitar a compreensão de algum conteúdo. Por fim, A6 afirma que a docente debatia o ponto de vista dos alunos a respeito do conteúdo da HQ.

Questionados sobre como avaliam a leitura das histórias em quadrinhos, os alunos deram as seguintes respostas.

Tabela 4 – Respostas da questão 4

A1	É uma leitura boa e fácil.
A2	Divertida.
A3	Boa.
A4	Mais ou menos.
A5	Avalio como boa.
A6	Ótima.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2014).

Na questão 4, as respostas foram diferentes, mas a maioria delas foi positiva. Para A1, A2 e A5, a leitura das HQs é considerada boa, assim, diante de tais respostas, o que pode sugerir um interesse pela leitura pelo gênero. A2 afirma que são divertidas, ou seja, são leituras bem humoradas que contribuem para o estímulo da leitura. A4 diz “mais ou menos” e, através disso, percebemos o desinteresse e a falta de estímulo na leitura das HQs. A6 expressa total satisfação na leitura das HQs, pois afirma que a leitura delas é ótima.

Dando continuidade à análise, passamos para a questão 5, na qual perguntamos como eles avaliam a produção de textos envolvendo as histórias em quadrinhos. Colhemos as respostas dadas a seguir.

Tabela 5 – Respostas da questão 5

A1	É uma maneira divertida de se produzir um texto.
A2	Fáceis de produzir.
A3	São boas.
A4	Mais ou menos, nem é bom e nem é ruim.
A5	Boa.
A6	Criativa e positiva para o aprendizado.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2014).

As respostas dos alunos foram positivas, sendo que A1 vê a produção de textos envolvendo HQs como boa; A2 afirma que são fáceis de produzir; A3 e A5, que são boas; A4, que não são boas nem ruins e A6, que são criativas e positivas para o aprendizado. Para essas respostas, não foram desenvolvidos argumentos que sustentassem o porquê delas, pois os estudantes apenas responderam ao questionamento sem se preocuparem em dar mais explicações.

Na questão 6, indagamos “Se você tivesse que escolher entre a leitura de uma obra literária ou uma história em quadrinhos, qual você escolheria? Por quê?”. Os praticantes da pesquisa deram as respostas seguintes.

Tabela 6 – Respostas da questão 6

A1	História em quadrinhos, porque ela é na maioria das vezes mais curta, divertida e fácil de fazer.
A2	História em quadrinhos, porque com as ilustrações fica mais fácil e mais interessante a leitura.
A3	História em quadrinhos, porque são mais fáceis de interpretar.
A4	A história em quadrinho, porque é mais pouca leitura e é melhor de ler.
A5	Eu escolheria história em quadrinhos, porque eu acharia mais fácil.
A6	História em quadrinhos, porque ela é mais fácil de compreender.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2014).

Por meio das respostas dadas, vemos, novamente, uma unanimidade quanto à escolha pelas HQs, com justificativas similares, alternando apenas as explicações “mais fácil”, “mais curta”, “mais divertida”, “melhor de ler” e “mais fácil de compreender”. Acreditamos que essa escolha se deve ao fato de as histórias em quadrinhos serem menores, com uma carga de humor, ilustrações e temas atuais, diferentemente da maioria das obras literárias.

Na questão 7, “Na sua opinião, nas atividades de produção de textos, qual seria a escolha da professora: história em quadrinhos ou redação? Por quê?”, os estudantes responderam da seguinte maneira.

Tabela 7 – Respostas da questão 7

A1	Redação, porque ela é bastante utilizada nos vestibulares.
A2	Redação, porque a redação ajuda na escrita, exigindo a pontuação correta.
A3	Redação, porque na redação as pessoas se expressam mais facilitando o desenvolvimento das ideias.
A4	Redação, porque a redação desenvolve a escrita do aluno.
A5	Redação, porque a professora achava que nós tinha dificuldades em produzi-la, ai ela gostava de apertar nessa tecla.
A6	Redação, porque quase todos os professores de português adoram a redação.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2014).

Mais uma vez, todas as respostas foram iguais ao afirmar que a professora opta pela redação nas atividades de produção de texto. Para A1, isso acontece porque ela é cobrada nos vestibulares; para A2 e A4, porque ajuda na escrita formal, com atenção para a pontuação e desenvolve a sua escrita; A3 entende que a redação é uma maneira de as pessoas se expressarem com mais facilidade e desenvolverem as ideias; A5 diz que essa escolha é porque eles têm dificuldade na produção de texto nesse gênero e a professora “gostava de apertar nessa tecla”, ou seja, ela investia mais na produção de redações, que, segundo A6, é uma preferência de quase todos os professores de português.

Por fim, analisamos a oitava questão: “Se a professora lhe pedisse para produzir uma história em quadrinhos ou uma redação, qual você escolheria? Poderia explicar os motivos?”. Nesse questionamento, os discentes responderam como veremos a seguir.

Tabela 8 – Respostas da questão 8

A1	História em quadrinhos, porque nela até os desenhos ajudam a compreender a história.
A2	História em quadrinhos, porque ela é um meio mais fácil de se expressar, que a redação.
A3	Redação, porque já fiz bastante e acho mais fácil de produzir e de me expressar.
A4	História em quadrinhos, porque a história em é mais fácil e menos trabalhosa que a redação.
A5	Redação, porque a professora pedia bastante para produzi-la, ai eu acho mais fácil de fazer.
A6	Histórias em quadrinhos, porque eu acho mais fácil

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2014).

Aqui, apenas A3 e A5 disseram que escolheriam a redação caso tivessem que escolher entre ela e a HQ. Segundo eles, a escolha seria porque é mais fácil de fazer, já que a professora solicitava bastante. Diferentemente desses alunos, os demais prefeririam a HQ, pelos seguintes motivos: A1 porque os desenhos ajudam a compreender a história; A2 porque ela é um meio mais fácil de se expressar que a redação; A4 e A6 porque se trata de um gênero mais fácil de produzir.

Por meio da análise das respostas dadas pelos alunos, vemos que as HQs são preferidas por eles quanto à leitura, à compreensão e, também, à produção. No entanto, eles não têm oportunidade de produzirem-nas, visto que a professora, quando trabalha a produção de textos, é com base em redações, por conta, segundo ela, da exigência do ENEM e de outros vestibulares.

No próximo capítulo deste trabalho, apresentaremos algumas considerações a respeito desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo propor uma investigação a respeito do uso das histórias em quadrinhos na prática de leitura e produção de textos no contexto escolar de uma escola da rede pública estadual de Ipiranga do Piauí.

Para fundamentar este estudo, baseamo-nos em autores como Barbosa (2004), para quem as HQs são um recurso que motiva o estudo de outros conteúdos e possibilita o aumento da curiosidade e do senso crítico dos alunos; Lanone e Lanone (1994), que apresentam uma possível origem das HQs, afirmando que os elementos que a compõem podem contribuir para o desenvolvimento da imaginação e do raciocínio de crianças e jovens; Luyten (2011), que expõe o preconceito da leitura das HQs durante várias gerações; Tanino (2011) que trata dos elementos que as HQs possuem em sua composição e Vergueiro (2010), afirma que a leitura das HQs em sala de aula não são rejeitadas pelos alunos. Usamos, ainda, as OCEM (2006) e os PCNs (2000), que sugerem que os textos sejam trabalhados com base nos diversos gêneros, seja eles orais ou escritos.

A pesquisa foi realizada em três momentos. No primeiro momento, foi feita a observação em sala de aula, com o objetivo de acompanhar de perto o uso das HQs, seja na leitura ou na produção de textos, bem como as metodologias utilizadas pela professora da turma escolhida para este estudo, no que diz respeito às formas de abordar o referido gênero nas aulas de Língua Portuguesa. No segundo momento, foi realizada a coleta de dados dos participantes, por meio da aplicação de um questionário e de entrevistas informais, com o objetivo de identificar pontos importantes para o nosso trabalho. Por fim, no terceiro momento, foram analisadas as respostas fornecidas pelos colaboradores da pesquisa.

Com base na análise da pesquisa, constatamos que a visão preconceituosa acerca do uso das histórias em quadrinhos na sala de aula foi e/ou está sendo superada, isso é evidenciado na preferência de leitura dos alunos e a inserção das HQs nas aulas de Língua Portuguesa, mesmo que de forma ainda tímida, mas vem ganhando espaço no ensino.

Com esta pesquisa, esperamos trazer uma contribuição para o ensino de língua fazendo uso do gênero textual Histórias em Quadrinhos, visto que elas têm um rico potencial para a aprendizagem do aluno, apesar de, na prática, serem usadas apenas de forma tradicional, com foco em análises gramaticais.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Leila Rachel Barbosa. **O Perfil Fake como um gênero do twitter**. 2012. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012. Cap. 7.

ARAÚJO, Gustavo Cunha; COSTA, Mauricio Alves; COSTA, Evânio Bezerra. As Histórias em Quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso Didático-Pedagógico. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes**. Uberlândia, n.2, p. 26-27. Julho/dezembro 2008. Disponível em: <http://www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem/amargem2/estudos/MARGEM1-E31.pdf.>>

ATKINSON, Dwight. **Scientific discourse in sociohistorical contexto: the Philosophical Transactions of the Royal Society of London, 1675-1975**. Mahwah, New Jersey: LEA, 1999.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2' cd. —São Paulo Martins Fontes, 1997. — (Coleção Ensino Superior)

BARBOSA, Alexandre et al. **Como usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

BAZERMAN, Charles. The life of genre, the life in the classroom. In: BISHOP, Wendy; OSTROM, Hans (Ed.). **Genre writing: issues, arguments, alternatives**. Portsmouth: Boynton-Cook Publishers/Heinemann, 1997. p. 19-26.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos** / Benedito Gomes Bezerra. – Recife : O Autor, 2006. 243 folhas : il., fig., tab.

BRASIL, **República Federativa do Brasil. Lei nº 9.394**: Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL, Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais : Ensino Médio : Língua Portuguesa**. Brasília : MEC/SEF, 2000.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris, 1945 – **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa** / Stella Maris Bortoni-Ricardo. – São Paulo : Parábola Editorial, 2008.

CARVALHO, D. **A educação está no gibi**, Campinas, SP: Papyrus, 2006.

CATUNDA, Márcia Antônia Dias. As Histórias em Quadrinhos no incentivo à leitura nas crianças: a realidade em algumas escolas de Fortaleza. *Entrepalavras*, Fortaleza Ceará, v. 3, n. 1, p.348-357, 2013.

CIRNE, M. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____ (org.), MOYA, A de; AIZEN, N.; D'ASSUNÇÃO, O. **Literatura em quadrinho no Brasil: acervo da Biblioteca Nacional**. RJ: Nova Fronteira – Fundação Biblioteca Nacional, 2002, 159p.

DEVITT, A. J. **Writing genres**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2004.

EGUTI, Claricia Akemi. **A Representatividade da oralidade nas Histórias em Quadrinhos**. 2011 (Dissertação Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo, 2001.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERHARDT, Tatiane Engel; Silveira, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRS, 2009.

GERALDI, J. W. (org). ALMEIDA, M. J de e et ali. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

IANNONE, L.R.; IANNONE, R.A. **O mundo das Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

LAKATOS, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2006.

TRAVÁGLIA, Luis Carlos. **Gramática ensino plural**. 4 ed. rev. –São Paulo: Cortez, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (**Orientações curriculares para o ensino médio** ; volume 1)

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Histórias em Quadrinhos: um recurso de aprendizagem**. In: Histórias em Quadrinhos: um recurso de aprendizagem. Salto para o futuro, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: parábola editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel.; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38

MENDONÇA, Marcia Rodrigues de Souza. Um Gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Angela Paiva.; MACHADO, Anna Rachel.; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). **Gêneros Textuais & Ensino**. – São Paulo : Parábola Editorial, 2010.

SANTOS, Roberto Elísio. **A história em quadrinhos na sala de aula**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26. 2003. Belo Horizonte-MG, Anais... São Paulo: Intercom, 2003.

SCHNEUWLY & DOLZ. **Gêneros orais e escritos na escola** / tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SIQUEIRA, Angela Barbosa de. **O gênero história em quadrinhos na escrita do surdo**. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Cap. 4.

TANINO, Sonia. **Histórias em Quadrinhos como recurso metodológico para os processos de ensinar**. 2011. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino In: RAMA, Angela ; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Como usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS

- 1- Para você, o que é uma história em quadrinhos?
- 2- Nas aulas de língua portuguesa, a professora utiliza histórias em quadrinhos?
- 3- Em caso positivo para a questão anterior, como a professora costuma trabalhar as histórias em quadrinhos em sala de aula?
- 4- Como você avalia a leitura das histórias em quadrinhos?
- 5- Como você avalia a produção de textos envolvendo as histórias em quadrinhos?
- 6- Se você tivesse que escolher entre a leitura de uma obra literária ou uma história em quadrinhos, qual você escolheria? Por quê?
- 7- Na sua opinião, nas atividades de produção de textos, qual seria a escolha da professora: história em quadrinhos ou redação? Por quê?
- 8- Se a professora lhe pedisse para produzir uma história em quadrinhos ou uma redação, qual você escolheria? Poderia explicar os motivos?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO COM A PROFESSORA

- 1- Para você, o que é uma história em quadrinhos?
- 2- Você utiliza histórias em quadrinhos nas suas aulas?
- 3- Como você costuma trabalhar as histórias em quadrinhos em sala de aula?
- 4- Como você avalia a leitura das histórias em quadrinhos?
- 5- Como você avalia a produção de textos envolvendo as histórias em quadrinhos?
- 6- Em que aspectos as histórias em quadrinhos podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos?
- 7- Se você tivesse que solicitar a leitura de uma obra literária ou uma história em quadrinhos para seus alunos, qual você escolheria? Por quê?
- 8- Se fosse para escolher entre uma história em quadrinhos e uma redação nas atividades que envolvem a produção de textos dos alunos, qual você escolheria? Poderia explicar os motivos?



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Antonio Dinailson Vieira Mendes, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação Histórias em Quadrinhos: uma investigação do seu uso como prática de leitura e produção de textos no ensino médio de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 11 de Março de 2015.

Antonio Dinailson Vieira Mendes
Assinatura

Antonio Dinailson Vieira Mendes
Assinatura